

## O SÉCULO XXI E A FORÇA DAS TRADIÇÕES NA PEQUENA CIDADE DO INTERIOR BAIANO: EXEMPLO DAS FEIRAS LIVRES E DA PRODUÇÃO ARTESANAL DE FARINHA DE MANDIOCA

*The 21<sup>st</sup> century and the traditions that endure in a small town of Bahia's countryside: example of the street markets and the artisanal production of cassava flour*

Juliana Augusta Verona<sup>1</sup>

Maurício Compiani<sup>2</sup>

### RESUMO

Os estudos sobre a Geografia Urbana no Brasil, especificamente aqueles relacionados às cidades pequenas, necessitam de maiores investigações. Esta pesquisa tem como objetivo central identificar as chamadas “geografias menores” por meio de imagens da feira livre e da produção artesanal de farinha de mandioca em uma cidade pequena do sudoeste baiano, denominada Candiba (BA). Os seus pressupostos basearam-se na revisão bibliográfica, principalmente no que diz respeito a “geografias menores” e ao cotidiano nas pequenas cidades. Posteriormente, a partir de registros fotográficos desses locais, apresenta-se breve discussão acerca da importância das feiras livres como espaço de lazer, de fortalecimento das identidades culturais de sua população e da riqueza cultural que permanece, neste século XXI, entre as famílias que produzem coletivamente a farinha de mandioca para fins de consumo.

**Palavras-chave:** Geografias menores. Cotidiano das cidades pequenas. Feira livre. Produção artesanal de farinha de mandioca.

### ABSTRACT

The studies on Urban Geography in Brazil, precisely those related to small towns, require more research. This research aims to identify the so called “minor geographies” through images of the street market and the artisanal production of cassava flour in a small town of Bahia's southwest, called Candiba (BA). Its assumptions were based on the literature review, mainly about “minor geographies” and about the everyday life in small towns; afterwards, from the photographic records, we bring out a brief discussion about the importance of street markets as recreation area and reinforcement of cultural identities, as well as the cultural wealth which endures, in the 21<sup>st</sup> century, from the families that collectively produce cassava flour for consumptions purposes.

**Keywords:** “Minor geographies”. Everyday life in small towns. Street market. Artisanal production of cassava flour.

1 Professora no Centro Paula Souza e na Faculdade de Tecnologia de Itu- Fatec Itu. juverona@hotmail.com.

✉ Avenida Tiradentes, 1211, Parque Industrial, Itu, SP. 13309-640.

2 Professor no Departamento de Ensino e Práticas Culturais (DEPRAC), Faculdade de Educação (Unicamp). compiani@ige.unicamp.br.

✉ Rua Bertrand Russell, 801, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas, SP. 13083-865.

## INTRODUÇÃO

A ideia da elaboração deste artigo partiu dos registros fotográficos realizados em julho de 2011, os quais, inicialmente, seriam o objeto de trabalho principal do Pós-Doutorado, cuja concepção se baseava na elaboração de um “vídeo-documentário”, utilizando esses registros.

No entanto, a realização das filmagens como parte de um trabalho para um curso desenvolvido junto ao IG (Unicamp), intitulado “Imagem, Cotidiano e Espaço: A migração dos novos baianos da pequena Candiba (BA) à pequena Louveira (SP)” fizeram com que as fotografias tiradas ficassem armazenadas, esperando este momento para florescer.

Sabendo-se que, na atualidade, o número de pesquisas sobre cidades pequenas é reduzido e que esses municípios guardam valores que as cidades médias já apresentaram e perderam, observa-se que o material coletado pode representar interessante fonte de pesquisa, resgate e valorização cultural.

Nesse sentido, espera-se que este trabalho contribua de maneira significativa aos novos estudos que venham a ser feitos sobre as pequenas cidades brasileiras, sobretudo, por meio da identificação de suas riquezas culturais que não só resistem à modernidade do século XXI mas também apresentam-se como representantes do fortalecimento de suas raízes.

O conceito de “geografias menores” oferece de maneira significativa o olhar necessário para demonstrar a riqueza nesses espaços geográficos. Trata-se, na verdade, de reconhecer as riquezas culturais existentes nessas pequenas cidades e, logicamente, reconhecer semelhanças com outras cidades menores do Brasil.

Nesse cenário, vale mencionar a Constituição de 1988 que, em seu artigo 216, enfatiza a importância do patrimônio cultural imaterial (os

modos de viver, fazer, criar, etc.). Destaca-se ainda a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, publicada em 2003, que definiu, em seu artigo 2º, patrimônio cultural imaterial como:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003).

Trata-se, portanto, de conhecimentos, saberes e fazeres transmitidos de geração em geração que, constantemente, são recriados pelas comunidades em função de seu ambiente, de sua relação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de pertencimento.

Cosgrove (2007, p. 103) diz que a produção e reprodução da vida material é uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação (produção simbólica). Para esse autor, esses códigos incluem a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, pintura, e a dança, o ritual, a cerimônia e as construções entre outras produções simbólicas. Diz que toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação.

Trata-se, portanto, de conhecimentos, saberes e fazeres transmitidos de geração em geração que, constantemente, são recriados pelas comunidades em função de seu ambiente, de sua relação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de pertencimento, configurando-se num sistema de símbolos e códigos que identificam esses grupos e possibilitam a transmissão das características culturais através das gerações e que Wagner; Mikesell (2007, p. 28) confirmam

quando definem que “ A cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos”.

No artigo denominado “Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista”, Marandola Jr. (2012) diz:

Gosto e sabor não se limitam, portanto, à experiência gustativa, mas se realizam de forma muito mais completa à medida que envolvem a experiência, a experimentação e o próprio saber (MARANDOLA JR., 2012, p. 48).

Tendo isso por base, pode-se dizer que os encontros que acontecem na “feira livre” ou a confraternização que ocorre durante a produção artesanal da farinha de mandioca na “casa de roda” são exemplos de saberes, sabores e comportamentos que resistem ao tempo e fortalecem a riqueza cultural da pequena Candiba, nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, os registros fotográficos apresentados neste artigo destacam o que Oliveira Jr (2009) chamou de geografias menores. Consideradas ilhas no entorno do continente da geografia maior, as geografias menores são como potências de expansão desse continente, revelando para quem vem do oceano livre e flutuante do pensamento que são elas as primeiras aproximações desse continente.

Associadas a uma cidade, essas imagens revelam as particularidades de um pequeno município. Evidenciam sua riqueza, a permanência de laços familiares com o lugar e a vida que se faz pelas trocas do que se produz na roça.

Os registros fotográficos apresentados foram realizados com a concordância dos fotografados, com exceção do público da feira livre, por se tratar da realização de evento num espaço público. Concordamos com Bordieu & Bourdieu (2006, p. 34) quando afirmam que “fotografar grandes cerimônias é possível porque – e apenas porque – essas

imagens captam comportamentos que são socialmente aceitos e socialmente regulados”. Assim, a vida cotidiana é a vida das pessoas, o desenvolver do seu dia-a-dia nos lugares em que habitam. Foi, pois, a partir dessa percepção vivenciada na pequena cidade de Candiba (BA) que este trabalho partiu.

As imagens registradas são tratadas como arte e linguagem e segundo Oliveira Jr. (2009):

[...] as imagens constituem muito do que nos educa os olhos e muito do que temos disponível para educarmos a nós próprios e aos nossos próximos e distantes estudantes acerca do espaço geográfico (OLIVEIRA JR., 2009, p. 17).

Aqui trazemos imagens que representam o cotidiano da feira livre e da produção da farinha. É uma forma de linguagem apegada aos detalhes captados pelo olhar do fotógrafo. Para Sontag (2004) trata-se de um olhar de fotógrafo-poeta onde a fotografia é “uma história escrita com luz” e a imagem fotográfica pode representar o cotidiano e a preservação de sua memória. As ideias de Andrade (2006) aproximam ao que este estudo busca através das imagens fotográficas, quando diz que procura, com as imagens, deslizar o pensamento sobre a educação pelas multiplicidades e superfícies das pequenas coisas, pelas minoridades que desestabilizam modos de pensar.

Outro paralelo que se pode fazer com as chamadas geografias menores é apresentado por Revel (2010), quando fala sobre a micro-história e destaca que:

[...] o que está em jogo na abordagem micro-histórica é a convicção de que a escolha de uma escala, peculiar de observação fica associada a efeitos de conhecimentos específicos e que tal escolha pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento (RAVEL, 2010, p. 438).

Tendo também a cidade pequena como foco de seu olhar, Maia (2010) apresenta outra contribuição enriquecedora sobre essa temática quando diz:

Sentimos necessidade de compreender as cidades médias e pequenas brasileiras não como um conhecimento à parte do processo de urbanização, ou da totalidade, mas sim como particularidades e singularidades. Para tanto necessitamos dissecá-las, decompô-las e analisá-las, sem perder de vista a forma e o conteúdo. Portanto, o que se pretende é contribuir com o debate e com o conhecimento do Brasil urbano, partindo do que está na outra extremidade desse processo, ou seja, do que se configura como pequenas e médias cidades, ou do que não se configura como grandes aglomerações urbanas (MAIA, 2010, p. 18).

Como, no decorrer deste texto, em alguns momentos, discorreremos sobre aspectos do cotidiano da pequena cidade do interior baiano, cabe aqui, destacar o caminho que percorremos no que se refere ao conceito de cotidiano de cidade pequena. Para Certeau (1994):

[...] o cotidiano não precisa ser examinado para ser conhecido – até mesmo porque ele não fixa residência em lugar algum. O cotidiano escolar não é a escola, assim como o cotidiano da cidade não é a cidade. Escolas e cidades são lugares, sendo que a vida cotidiana só pode ser encontrada, ali, quando esses lugares são praticados (CERTÉAU, 1994 *apud* LACERDA, 2013, p. 724).

Por meio de espaços que abrigam a feira livre e a produção artesanal de farinha de mandioca, seja de ocorrência semanal ou semestral, é possível vivenciar esses espaços como espaços de eventos e/ou de uma grande festa. Nesse caso, vale avançar a discussão a partir da obra de Lefebvre (1991), onde o autor afirma que, atravessando o cotidiano, apresenta-se “a festa”, que é um tipo de evento que o interrompe. Trata-se de ocasião em que o cotidiano é temporariamente suspenso

e aqueles que coadunam com essa suspensão interrompem suas práticas diárias, interagindo com proposições inexistentes no fluxo de suas vidas. É o abandono temporário da rotina, em detrimento do que seria improvável na cotidianidade.

Neste trabalho entendemos que “a festa” faz parte do cotidiano dessa pequena cidade, seja “a festa da feira livre” ou “a festa para a produção de farinha de mandioca”, já que assumimos aqui que esses eventos são realizados, sem se interromper o cotidiano das pessoas. Na verdade, trata-se de situações em que o dia-a-dia das pessoas e suas relações desenvolvem-se para vivenciarem esses eventos. Conforme afirma Lacerda (2013, p. 724), “durante a festa, o cotidiano da cidade pequena é esporadicamente suspenso, mas não suprimido”.

Sendo assim, os recortes fotográficos representam as subjetividades dos autores, a grande escala valoriza as vivências e essas percepções ocorrem a partir dos lugares compartilhados. Esses registros revelam os acontecimentos experienciados na “feira livre” e na “casa de roda” e sinalizam o real.

Essa ideia permite afirmar que “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14). Partindo dessa premissa, Castro (2001) faz referência ao filósofo Merleau-Ponty, ao considerar que:

A escala é uma projeção do real, mas a realidade continua sendo sua base de constituição, continua nela. Como o real só pode ser aprendido por representação e fragmentação, a escala constitui uma prática, embora não intuitiva e não refletida, de observação e elaboração do mundo. Não espanta a polissemia do termo, sua utilização com significados específicos em diferentes áreas do conhecimento (CASTRO, 2001, p. 133).

O século XXI e as tradições que resistem na pequena cidade do interior baiano: exemplo das feiras livres e da produção artesanal de ...  
Juliana Augusta Verona, Maurício Compiani

A grande escala, evidenciada por meio das imagens percebidas pelos autores é utilizada aqui como possibilidade de elencar conceitos como: a geografia menor e o patrimônio imaterial presente. Exemplo disso pode ser observado na continuidade do grupo de pessoas que se reúnem para o fazer a farinha de mandioca, para o despertar dos cheiros e sabores provenientes dessa produção, assim como no cotidiano das pessoas e no dia de festa que é quando ocorre a feira livre.

### A PEQUENA CIDADE NO SUDOESTE BAIANO E SUAS CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS

O estado da Bahia costuma ser dividido em seis Bahias (MIGUEZ, 2002). A primeira é a região de Salvador, conhecida como Bahia de todos os santos, um lugar de enseadas e colinas suaves. Ela foi formada por senhores de engenhos, por pescadores e por trabalhadores rurais. A segunda é representada pelo sertão do Nordeste, uma extensa província da caatinga, das fazendas de gado, dos vaqueiros, do misticismo messiânico e do velho cangaço. A terceira região baiana é o Sudeste, ocupada pela cultura do cacau. A quarta é o planalto central. A quinta, o vale do rio São Francisco. Nela, ocorrem as migrações do Nordeste às terras do Sul. Por fim, há o amplo planalto das Serras Gerais, que se desenvolve em direção ao Estado de Goiás. Candiba está situada nessa região.

A Serra Geral é um acidente geográfico composto por rochas vulcânicas básicas, intermediárias e arenitos finos. Ela ficou marcada pela exploração do gado, no ciclo do couro, e de minérios, pelos bandeirantes paulistas. Antes, era habitada pelas tribos Jê e Camacã. Candiba é rodeada por essa Serra e o seu território pertence ao polígono das secas. Ela faz limite com os municípios de Guanambi,

Pindaí e Sebastião das Laranjeiras. É também vizinha das cidades do Norte de Minas, como Janaúba e Montes Claros.

Na Figura 1, podemos ver a localização de Candiba, no estado da Bahia e no Brasil. Na Figura 2, temos o mapa do município com o destaque da localização e fotos das principais características apresentadas neste artigo. A ideia é que o leitor seja levado a olhar, na pequena Candiba, a diversidade da distribuição de seus principais aspectos. Essa distribuição é que vai conduzir o olhar, destacando assim o contorno, a diversidade e as singularidades. A direção do foco do olhar (ARNHEIM, 1987) é parte constituinte, conjugadamente, com as escalas de abordagem e estão interrelacionadas com as semelhanças e as diferenças, bem como com a homogeneidade e a heterogeneidade das percepções, dos sentidos e das concepções que elaboramos. Em outras palavras, como nos diz Compiani (2012): o espaço geográfico surge da extensão da distribuição dos pontos da localização, assim como múltiplo e uno. Assim, o que vai determinar o primado – se o múltiplo ou o uno – na dialética da extensão é a direção do foco do olhar e da escala de observação. Se o olhar fixa o foco na localização, um ponto impõe-se aos demais, e a localização arruma o plano da distribuição por referência nesse ponto. Se o olhar abrange a diversidade da distribuição, esta arruma por igual o plano das



Figura 1 – Mapa de Localização do Município de Candiba (BA)  
Fonte: Elaborado pela autora (2015)

O século XXI e as tradições que resistem na pequena cidade do interior baiano: exemplo das feiras livres e da produção artesanal de ...  
Juliana Augusta Verona, Maurício Compiani



**Figura 2** – Mapa do Município de Candiba (BA) e imagens das principais características discutidas neste artigo  
Fonte: Elaborado pela autora (2015)

localizações. O olhar focado na localização dimensiona a centralidade e o uno. O olhar focado na distribuição dimensiona a diversidade e o múltiplo.

O Município de Candiba possui uma área de 433,642 km<sup>2</sup> e uma população que decresceu nas últimas três décadas (IBGE, 2007). Atualmente, são 12.352 habitantes. A distância até a capital baiana é de 762km. A sua altitude é de 526m e a sua temperatura média é de 26°C. No município, cultivam-se: o algodão, a mandioca, o milho, o feijão, a mamona e o arroz. A pecuária e o algodão são as principais economias. Também merecem destaques as criações de suínos, caprinos e ovinos. No início dos anos de 1990, a cultura do algodão entrou em declínio. Restou à economia de Candiba, a pecuária (SOUZA, 1998).

Atualmente, as expressões culturais do município ainda se voltam para tradições pautadas nesse segmento. As formas de representações e de relações culturais também se baseiam na recente absorção de referências globais e nas singularidades do antigo modo de vida sertanejo. Candiba é fruto da adaptação dos imigrantes portugueses, dos índios e dos negros fugitivos, que moldaram suas informações culturais às condições do modo de vida sertanejo. A ampla população indígena veio do litoral, onde fora trocada pela mão de obra africana e enviada em direção aos sertões (CASCUDO, 1967). Essa relação de dominação alicerçou a economia e a política regional. Essa última, pautada no coronelismo. Candiba foi, antes de tudo, um quilombo. Mas as raízes culturais africanas e indígenas

O século XXI e as tradições que resistem na pequena cidade do interior baiano: exemplo das feiras livres e da produção artesanal de ...  
Juliana Augusta Verona, Maurício Compiani

foram abafadas pelas famílias hegemônicas, em sua maioria, formadas por pecuaristas.

A dimensão social do território de Candiba, segundo Moreira e Nery (2011), configura-se:

[...] numa imbricada rede de relações do cotidiano e destacam que nos dias de feira, que ocorre uma vez por semana, moradores das zonas rurais e lavradores vendem diversos produtos e, historicamente, negociações teciam uma convivência entre solidariedade e até mesmo recrudescimento de inimizades (MOREIRA; NERY, 2011, p. 7).

#### **A FORÇA DAS TRADIÇÕES: A FEIRA LIVRE E A PRODUÇÃO ARTESANAL DE FARINHA DE MANDIOCA**

O que chamamos de força das tradições diz respeito aos espaços que apresentam riquezas culturais de permanência histórica ou que abrigam populações que ainda mantêm a sua originalidade e constroem ambientes com linguagens, símbolos, relações interpessoais relacionadas ao passado, mas que influenciam os locais construídos no presente.

Todas essas tradições foram-nos reveladas por meio dos registros fotográficos realizados nesses espaços.

Tais registros reiteram a afirmação de Beck, Giddens e Lash (1997, p. 80), segundo os quais “[...] a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência para o presente”. Nesse sentido, observa-se que o cotidiano dessa cidade se movimenta na organização da Feira Livre, momento em que as famílias se organizam e encontram-se para o feitiço da farinha de mandioca.

Destaca-se ainda que as tradições que resistem são utilizadas conforme apresenta Oliveira Jr. (2013):

[...] a ideia de resistência aqui não é a da contraposição ou a da superação de uma coisa por outra tida como melhor. Resistir é da ordem do colocar em devir alguma coisa para que ela comporte nela mesma outras potencialidades. Resistir é busca de proliferação, é fazer existir alguma coisa desde dentro dela mesma: re-existir se e quando se é conectado a outros elementos que antes não compunham aquela coisa – a educação, a geografia, a fotografia, a cartografia, o vídeo, o espaço (OLIVEIRA JR., 2013, p. 304).

É nesse sentido de tradições que resistem, como ocorre na pequena cidade de Candiba, que esperamos que o leitor possa se aproximar dessa população e caminhar pelos eventos da feira livre e da produção da farinha de mandioca, a partir da lente de quem fotografou esses espaços cheios de vida e de relações entre os grupos.

A feira livre é antes de mais nada um lugar de encontro!

Quando analisamos a feira livre no Brasil como um todo, observamos que esta se apresenta na categoria de mercado varejista ao ar livre, com realização semanal, organizada como serviço de utilidade pública dos municípios e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Para Mascarenhas e Dolzani (2008, p. 75): “[...] desempenham ainda hoje papel relativamente importante no abastecimento urbano, apesar das políticas públicas adversas que tiveram de enfrentar nos últimos 30 anos”.

Um dos lugares que as pequenas cidades do interior possuem em comum entre si são as feiras livres. Embora o tipo de produção local varie, os cenários são sempre muito parecidos. Outra característica comum dessas cidades são as pessoas que esperam pelo dia de realização de feira como se ela fosse um evento, um compromisso. Arrumam-se e organizam-se para irem até o lugar “do encontro”.

Segundo Model e Denardin (2014), as feiras livres persistem no tempo e são muito utilizadas no abastecimento de alimentos frescos,

O século XXI e as tradições que resistem na pequena cidade do interior baiano: exemplo das feiras livres e da produção artesanal de ...  
Juliana Augusta Verona, Maurício Compiani

produtos especiais e produtos com identidade territorial. Além disso, são reconhecidamente espaços de socialização e resgate cultural. Para as autoras, apesar da importância socioambiental das feiras livres, são raros os trabalhos de pesquisa nessa área e, quando existem, na maioria das vezes, possuem um caráter estritamente mercadológico, perdendo de vista os aspectos sociais, culturais e de identidade.

O Quadro 1 apresenta uma coleção de imagens (Figuras 3, 4, 5 e 6) que retrata o modo de vida dos vendedores e compradores nesse lugar. Há uma riqueza cultural e a simplicidade e a inocência são aspectos comuns e marcantes. Há um encontro semanal próximo ao centro da cidade. Esses olhares curiosos destacam-se ao redor da câmera que tenta captar uma parte mínima do cotidiano dessas pessoas que vivem nessa pequena cidade. Sábado torna-se o dia do encontro e esse encontro se materializa nas chamadas feiras livres. As barracas de fumo, couro, feijão de corda misturam-se às de DVDs não originais, roupas e eletrônicos. Crianças, senhoras elegantes e senhoras marcadas pelo trabalho na roça esbarram-se nos corredores dessas barracas. Homens de chapéus reúnem-se para conversarem sobre o gado, o feijão e o milho que produzem nas suas roças. Sorriem! Sorriem com seus dentes abraçados pelo dourado ou prateado. Outros sorriem sem os dentes. Há uma generalização da simplicidade do ser humano, do sorriso fácil e desinteressado. Convivem nesses espaços da "feira livre" e compartilham o movimento que ocorrera durante a semana. É um espaço de lazer, de convívio social e de manutenção das culturas do lugar. Nas ruas dessa pequena cidade do interior da Bahia, o dia de sábado ganha um movimento intenso e os sons invadem as residências. Em pleno século XXI, as senhoras, com seus vestidos de chita, sentam-se em cadeiras em frente às suas casas, muitas dessas feitas de adobe. Olham... e, às vezes, conversam. Os meios de transportes destacam-se pelas suas diferenças. Automóveis

### QUADRO 1 – A FEIRA LIVRE DE CANDIBA (BA) E O "ENCONTRO" DAS PESSOAS

**Figura 3** – Venda de chapéus de palha e panelas na Feira Livre

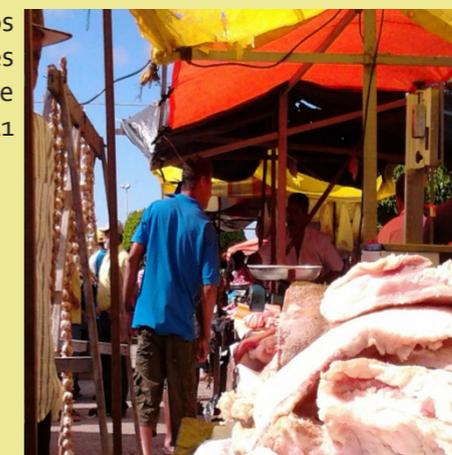
Fonte: Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011



**Figura 4** – Couro e outros artefatos são vendidos  
Fonte: Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011

**Figura 5** – Há também carnes, condimentos diversos e muitas cores

Fonte: Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011



**Figura 6** – Mercarias ao redor da Feira Livre e os moradores observam o movimento

Fonte: Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011

luxuosos estão lado a lado com as charretes, as bicicletas e as motos. Há uma demonstração real da materialidade dos contrastes, tempo e espaço. O sábado e a feira livre registram os laços do convívio social e a possibilidade do encurtamento entre as diferenças econômicas. Todos estão ali! Espaço democrático! Nesse dia, inter-relacionam-se nesse espaço de trabalho e lazer.

As imagens registram partes do que há na feira livre de Candiba (BA), no entanto, não conseguem registrar os cheiros, os sons e a riqueza do sotaque, por exemplo. Essa rica “geografia menor” precisa ser vivenciada e experienciada.

Assim como a feira livre, que representa um momento de encontro e de riqueza cultural, há a produção artesanal de farinha de mandioca, ambas representam “tradições que resistem”. Apesar de a feira livre ser um ambiente mais plural, ambas fortalecem essas riquezas culturais. A seguir, detalharemos o processo de produção da farinha de mandioca e suas relações.

A produção artesanal de farinha é antes de mais nada um momento de confraternização!

A produção artesanal da farinha de mandioca, realizada no Município de Candiba (BA), revela-se como um encontro entre as diversas famílias que se utilizam de um espaço comum, chamado de “casa de roda”. Essas famílias somam-se, muitas vezes, mais de quinze pessoas unidas ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Levam seus sacos cheios de mandiocas colhidas em suas roças e iniciam “a festa”. A expressão “festa” foi utilizada aqui para descrever o encontro, porque o momento do encontro entre as famílias assim se caracteriza. Todos dividem as tarefas, levam cafés, pães e bolos para comerem juntos. Compartilham não só as tarefas, mas também a alegria de estarem juntos, pois só terminarão todas as etapas do trabalho no dia seguinte, ao escurecer. Sem discriminação, participam do trabalho mulheres,

homens e crianças de todas idades e, democraticamente, ao final, quando a farinha de mandioca já foi ensacada, todos levam para casa a quantidade suficiente para o consumo durante o ano. Findo o trabalho daquele grupo de famílias, aquele lugar de produção utilizado pelo grupo durante dois dias será agora espaço de produção para outras famílias. O Quadro 2 a seguir ilustra por meio das Figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 todo o processo de fabricação de farinha de mandioca e demais derivados. Há de se destacar aqui a afirmação de Lefebvre (1991, p.38) quando ressalta que é na vivência do “aqui” e “agora” que os homens constroem o mundo e se interessam por ele, porque é este mundo que lhes está ao alcance imediato. É neste cotidiano que a criação humana se mantém, pois é “na vida cotidiana que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis”.

São duas vezes no ano que as famílias se misturam e organizam-se para utilizarem o espaço coletivo destinado à produção de farinha de mandioca. Chegam com sacos de mandiocas que foram plantadas e colhidas nas suas pequenas roças. Homens, mulheres e crianças estão ansiosos para realizarem cada etapa da produção. É uma festa! Há muita alegria, há muita conversa. Sem dúvida, há disposição! Alguns cortam as cascas de mandioca. Outros estão nos raladores artesanais. A prensa tradicional apresenta sua força histórica. Dali se extrai também o chamado “líquido perigoso”, segundo as vozes que ecoam naquela paisagem privilegiada da Serra Geral, que envolve a pequena cidade de Candiba. Quantos produtos são gerados desta mandioca! O polvilho, aquele que dá origem ao biju, que foi preparado nos fornos rústicos na chamada “casa de roda”, agora será guardado e servirá de alimento diferenciado por algumas semanas. A tão conhecida farinha de mandioca que foi torrada, escorre através das mãos brancas e negras. Que mistura! Que beleza de contraste e envolvimento! A imagem enriquece o contraste da vida e fortalece a cultura do lugar.

## QUADRO 2 – O PROCESSO DE FABRICAÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA E DEMAIS DERIVADOS – “CASA DE RODA”, CANDIBA (BA)



**Figura 7** – Mandiocas trazidas pelas famílias e descascadas em conjunto  
**Fonte:** Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011.



**Figura 8** – A mandioca é ralada artesanalmente  
**Fonte:** Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011.



**Figura 9** – A mandioca é levada para a prensa tradicional  
**Fonte:** Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011.



**Figura 10** – O líquido da mandioca dará origem ao polvilho  
**Fonte:** Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011.



**Figura 11** – Do polvilho é feito o biju em fornos artesanais  
**Fonte:** Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011.



**Figura 12** – Processo de torração artesanal  
**Fonte:** Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011.



**Figura 13** – A farinha de mandioca está pronta para uso  
**Fonte:** Verona, Pedro C. Carvalho, julho de 2011.

O século XXI e as tradições que resistem na pequena cidade do interior baiano: exemplo das feiras livres e da produção artesanal de ...  
Juliana Augusta Verona, Maurício Compiani

Agora, a farinha de mandioca é ensacada e distribuída igualmente para as famílias que estiveram envolvidas em todo o seu processo de fabricação. A farinha será para uso diário em suas casas e deverá ser suficiente até a realização da próxima confraternização!

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de geografias menores no cotidiano do pequeno município de Candiba (BA) possibilitou registrar o que chamamos de força das tradições que podemos associar aqui sobre a resistência das tradições, como forma de valorizar, por meio dos registros fotográficos, a riqueza cultural que se faz presente, com características históricas marcantes, nas relações humanas que se desenvolvem nos espaços da feira livre e da casa da roda (espaço para produção da farinha de mandioca).

Neste estudo não se buscou uma definição que explicasse o dia-a-dia desta pequena cidade, pois era sabido da falácia que isso seria. Buscou-se apenas registrar alguns recortes dos olhares dos autores que, como seres históricos, também estão suscetíveis a mudanças e variações no tempo e no espaço.

Tantas foram as emoções despertadas ao observar o cotidiano dessa população que, ao redigirmos este artigo, vivenciamos novamente a vida daquele lugar. E esta escrita parece aproximar-se ao que Oliveira Jr. (2010) apontou em seu texto "Vídeos, resistência e geografias menores" quando fala sobre a resistência como criação, como potência na gestação e experimentação de outras maneiras de existir.

O registro fotográfico e sua inserção no texto apresentaram-se como criação e outras formas de retratar o que os autores viram e vivenciaram: momentos registrados pela imagem fotográfica que eternizam a riqueza e a singularidade na coletividade. Seja na feira

livre ou na produção artesanal de farinha, o registro fotográfico é arte e linguagem que contribuiu ainda para fortalecer o sistema de valores e culturas que demonstram as resistências das tradições. ☉

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elenise C. P. Educação Menor: vertigens por deslizamentos e desmoronamentos curriculares, In: 29ª Reunião Anual da ANPEd, 29, 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2006.

ARNHEIM, R. **Intuizione e intelletto**. Milão: Feltrinelli Ed., 1987.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernidade reflexiva**: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Clarie. O camponês e a fotografia. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 26, jun. 2006.

CASCUDO, Câmara. **A história da alimentação no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: \_\_\_\_\_; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COMPIANI, Maurício. O desprestígio das imagens no ensino de ciências, até quando? Uma contribuição das geociências com a Gestalt. **ALEXANDRIA** – Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 5, n. 1, p. 127-154, maio 2012.

COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.103-134.

O século XXI e as tradições que resistem na pequena cidade do interior baiano: exemplo das feiras livres e da produção artesanal de ...  
Juliana Augusta Verona, Maurício Compiani

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística). **Região de Influência das cidades**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 2007.

LACERDA, Mitsi Pinheiro de. A cidade pequena, a escola e o cotidiano interrompido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 721-739, jul./set. 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades Médias e Pequenas do Nordeste: Conferência de Abertura. In: LOPES, Diva M. F.; HENRIQUE, Wendel. (Org.) **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 42-52, Verão 2012.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira Livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72-87, ago. 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2.ed. (Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura.) São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIGUEZ DE OLIVEIRA, Paulo César. **A organização da cultura na "Cidade da Bahia"**. 2002. 348 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) — Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. Disponível em: <[http://www.cult.ufba.br/arquivos/tese\\_de\\_doutorado\\_paulo\\_miguez\\_facom\\_ufba\\_2002.pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/tese_de_doutorado_paulo_miguez_facom_ufba_2002.pdf)>. Acesso em: 2 mar. 2014.

MODEL, Patrícia Aparecida; DENARDIN, Valdir Frigo. **Agricultura familiar e a formação de circuitos curtos de comercialização através das feiras livres: o caso da Matifeira, PR**. In: XVI Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA,

16, 2014, São Paulo. **Anais... ENGEMA**, 2014. Disponível em: <<http://www.engema.org.br/XVIENGEMA/456.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

MOREIRA, Michelli N.; NERY, Maria Goreth e Silva. Formação Territorial e Mobilidade Populacional em Candiba-BA. In: VIII Encontro Baiano de Geografia – EBG, 8, 2011, Vitória da Conquista. **Anais... EBG**, 2011. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/5i.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

OLIVEIRA JR., Wenceslau M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000300002>>. Acesso em: 3 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. Vídeos, resistências e geografias menores: linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. **Terra Livre**. São Paulo, ano 26, v. 1, n. 34, p. 161-176, jan./jun. 2010. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/files/TL\\_N34.pdf](http://www.agb.org.br/files/TL_N34.pdf)>. Acesso em: 3 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. Combates e Experimentações: singularidades do comum. In: FERRAZ, Cláudio Benito O.; NUNES, Flaviana Gasparotti (Org.) **Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourados: Ed. UFGD, 2013.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Vander Moreira de. **Candiba: ontem e hoje**. Guanambi: [s.n.], 1998.

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). **Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

O século XXI e as tradições que resistem na pequena cidade do interior baiano: exemplo das feiras livres e da produção artesanal de ...  
Juliana Augusta Verona, Maurício Compiani

WAGNER, P; MIKESELL, M. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 27-62.

Submetido em Maio de 2015.

Revisado em Janeiro de 2016.

Aceito em Março de 2016.